Ano I — N.º 10 4 — 7 — 1920

A COMUNA

COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)
GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTÓNIO TEIXEIRA

Redactor principal: SERAFIM CARDOSO LUCENA

Administrador: DAMIÃO CASTELO

Comp. na Tip. de «A COMUNA» — Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, L.da

Redacção e Adm., (Provisória): RUA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA: APARTADO 17

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS

EM FACE DA REVOLUÇÃO RUSSA

A Revolução Russa é mal servida nêste momento, tanto pelos seus admiradores, como pelos reformistas. Ficam os burgueses, *para nos obrigarem a nela*, com as suas lendas estúpidas, as suas calúnias absurdas e os seus ódios implacáveis.

Os reformistas estão inconsoláveis por constatarem que uma tentativa de realização socialista, por imperfeita que seja, tenha ousado tanto, e por tal facto se dar, precisamente, no país em que todos os factores considerados por êles indispensáveis, só existirem no estado embrionário.

E' um desmentido formal a tôda a sua propaganda. Sim! Apesar de, na Rússia, a classe dos camponeses representar a enorme maioria da população, e a indústria estar pouco desenvolvida; havendo apenas uma organização sindical sem uma *sábia centralização*, o privada dos seus numerosos funcionários; sendo enorme o número dos analfabetos e estando a *tática* da conquista dos podêres públicos ainda no seu *início*, êsses barbaros atrazados nada quizeram da democracia dos povos civilisados, que oferece tão grandes garantias aos *arrivistas* de tôdas as categorias.

¿Que fica, pois, da afirmação feita de que o mundo do trabalho deve continuar a suportar o jugo capitalista, por se achar incapaz, em suma, de viver doutra maneira?

O país a que tal raciocínio parecia aplicar-se mais rigorosamente, obstina-se em marchar para o comunismo, no meio de dificuldades que nem os mais pessimistas tinham previsto.

Ao contrário, vê-se muito bem que a organização sindical de que tudo devia depender, desenvolvendo-se prudentemente e normalmente, vai para as comunidades profissionais, formadas por operários e patrões.

Estes últimos veem assim reconhecer o seu direito à exploração numa medida que, na verdade, constitue o objectivo arbitral o que, por seu turno, não passa duma burla visto que se determina entre indivíduos ou grupos que não estão colocados num pé de perfeita igualdade.

Lêde os escritos de todos os nossos reformistas e vereis, sôbretudo, afirmar-se o profundo desejo de que tôda a tarefa socialista, na Rússia, fracásse e seja preciso, em tal caso, regressar às vagas fórmulas democráticas, como as que estamos utilizando há já tantos anos. Francamente: tôda a opinião pode ser admitida, mas a que tem essa pecha de continuarem a chamar-se socialistas êsses a quem o socialismo tanto repugna a ponto de se perderem as crenças em presença dum tam vasto ensaio? ¿Para que apregoar, pois, uma doutrina cuja impossibilidade de aplicação se procura, sôbretudo, demonstrar?

Mas se os reformistas são... o que são, os néo-comunistas da Rússia e doutros pontos esforçam-se por dar ao seu movimento o carátor mais ordeiro possível. Não sabemos, até que ponto, uma vez destruido o antigo regimen, tiveram de recorrer à violência e ao terror. Como por outro lado, os bolcheviki se defenderam da maior parte das acusações de crueldade contra êles feitas, queremos acreditar que foi, exclusivamente, a título de *legítima defesa* que recorreram a tão extrêmos meios; e nêsse caso, ¿porque razão fazem êles e os seus amigos, da violência e do terror quase matéria de fé, deixando acreditar que a acção transformadora da Revolução se baseia no seu uso sistemático?

¿Porque é que, depois de nos terem afirmado que, na questão capital — o comunismo — é pela propaganda e pelo exemplo que êles procuram ganhar a confiança das massas trazendo-as ao campo das suas ideas e continuam a matraquear-nos os ouvidos com a declaração duma ditadura que não existe? ¿Porque é que êles nos obrigam a constatar que a revolução, em vez de ser a obra de numerosos organismos locais, é no fim de contas, a de alguns chefes que impõem brutalmente as suas vontades?

¿Porque é que se *rotúla*, idiotamente, a revolução de *marxista*, para em seguida se fazer grande lamúria porque as massas camponesas parece não se adaptarem bem às concepções de Marx? ¿Porque é que se apregôa o critério dum determinismo ou materialismo histórico, que deixa tão pouco logar às vontades humanas, atribuindo diariamente todo o mérito do movimento a um punhado de indivíduos?

A mania de exaltar exclusivamente um partido não deve fazer esquecer que o socialismo não poderá conceber-se como um dogma tendo, como grandes sacerdotes, alguns governantes.

Sem dúvida alguma, o socialismo baseia-se em princípios fundamentais, fora dos quais é absolutamente impossível aceitá-lo, mas é certo, também, que dentro do seu corpo basilar cabem numerosos meios, métodos e ensaios. E não esqueçamos, sôbretudo, que há sempre um certo ridículo e um flagrante edioso na pretensão de querer dominar a vida. Não queremos com isto dizer que tal desideratum não tenha, infelizmente, sido já cumprido; mas foi sempre para a torturar e diminuir e nunca para a melhorar ou desenvolver.

Mas não queremos que as nossas críticas sejam confundidas com as de certos partidários da «guerra do direito», como já pretendem insinuar determinados extremistas da última hora. Aquêles falam muito dum «comunismo largo e racional» mas, lendo-os, a gente percebe logo que o que êles censuram aos bolcheviki é, não o pouco que ainda fazem, mas o terem feito demais; não a timidez, mas a audácia.

Pouco falta para que todos os males resultantes da guerra sejam atribuidos à Rússia: em todo o caso não lhe perdoam o *crime* de se ter preocupado mais com o socialismo do que com a vitória guerreira dos Estados democraticos!

Rejubilemos, ao contrário, com a intransigência dos govêrnos da *Entente* que forçam os Russos a alargar a sua obra de expropriação, a ferir de morte a alta finança, a colocar-se no terreno do socialismo e não da democracia.

O lado negro da revolução russa, como o foi já da Revolução francesa de 1789, é a guerra contra a fome. E', contudo, evidente que ela findaria, mesmo sem os socorros da *Entente*.

Marinheiros e ferroviários italianos sustaram já a marcha de vários navios e comboios de armas e munições destinadas à Polónia. Contribuir para a obra de morte, é dar prova de mui curta vista. A repercussão dos acontecimentos é, com efeito, muito maior e rápida do que, geralmente, se pensa. Vejo que os nossos dominadores se preparam para retomar o tema das possíveis concessões feitas a título de compensação dos males inúmeros sofridos durante a guerra. Nenhuma ilusão é possível já. O reformismo não é obra dêles; só nos resta um recurso: a revolução. Enquanto não sabemos insurgir-nos também, procuremos tôdas as ocasiões de socorrer os que lutam contra os nossos próprios capitalistas.

Proceder doutra maneira seria atraiçoar-nos a nós mesmos.

Maximalismo e Anarquismo

(CONTINUADO DO N.º 9 de «A COMUNA»)

XV

Maximalistas — A República Rússa é uma sociedade socialista livre, de todos os trabalhadores da Rússia. Tôda a autoridade dentro dos limites da República Socialista dos Soviets, pertence a tôda a povoação operária do país, agrupada nos *soviets* urbanos e rurais.

Anarquistas — Tôda a autoridade reside no homem e diz respeito a si próprio. O homem não tem nacionalidade nem raça. A raça e a nacionalidade de que se revestem os homens, é a herança directa dos conceitos gregarios de outros tempos, quando ainda não havia aparecido sôbre a terra a noção de individualidade, a ideia de independência.

Entre nós, não há lugar para a autoridade: nem admitimos a que provém da maioria dos homens reunidos, nem a que derive da minoria. Já o dissemos: *somos contra o princípio da autoridade.*

XVI

Maximalistas — Para garantir plena liberdade de consciência, a Igreja separa-se do Estado, e a escola da Igreja.

Anarquistas — Para garantir plena liberdade de consciência, inteiramente, é preciso suprimir o Estado e tôda a organização autoritária, determinar a libertação completa do homem.

XVII

Maximalistas — Com o fim de garantir aos trabalhadores a liberdade de opinião, o Estado entrega ao proletariado operário e camponês todos os órgãos técnicos e materiais necessários para a publicação de periódicos, folhetos, livros e outras produções da imprensa e assegura a livre difusão por todo o país.

Anarquistas — Existindo ampla liberdade, visto que o Estado desapareceu, os jornais folhetos e livros são publicados por quem nisso tiver prazer e necessidade; o grémio da imprensa e o grémio gráfico, podem facilitar êstes trabalhos, sem que para isso haja necessidade alguma do Estado, ou da autoridade e de forma bem simples.

XVIII

Maximalistas — Com o fim de garantir aos trabalhadores a liberdade de reunião, o Estado reconhece aos cidadãos da República Socialista o direito de organizar livremente reuniões, comicios, cortejos, etc., e põe à disposição dos operários e camponeses os locais necessários e convenientes para tal fim.

Anarquistas — Os homens não teem necessidade de que se lhes reconheça a legitimidade de realizar uma coisa a qua teem indiscutivel direito. Para garantir aos trabalhadores o direito de reunião. Para garantir aos trabalhadores o direito de reunião, basta só que os trabalhadores queiram reunir-se, pois não precisam de aquiescência nem protecionismo de autoridade alguma para o exercicio dos seus direitos de homens.

(Continúa).

JOSÉ T. LORENZO.

CONGRESSO ANARQUISTA ITALIANO

Os camaradas italianos anunciaram para o dia 1 do corrente, um importante Congresso em Bolonha.

Certamente tal reunião não constitue um simples pretexto de academia, em que a oratória floresce e... a isso se limita. Como afirmam os seus organizadores, determina essa superior manifestação de vitalidade revolucionária, o ter-se formado pouco a pouco um espírito de acção que, se por um lado presupõe profundas convicções e entusiasmo, por outra integra a acção individual no facto colectivo da Revolução.

As ordens do dia do Congresso são de natureza muito importante e delas nos ocuparemos logo que se recebam mais circunstanciadas notas.

No próximo número faremos o schema das principais questões de que damos a seguir os enunciados:

— Declaração dos princípios e organização interna da União Comunista Anarquista Italiana.
— Relações com outros partidos revolucionários proletários.
— Relações com o movimento operário.
— Conselhos de fábrica e soviet.

Errico Malatesta

Eis um homem que, por si próprio, conquistou o direito de falar à humanidade, impondo-se a esta o dever de o ouvir. Sem ser um génio, a sua palavra tem universalmente uma grande autoridade, porque todos sabem que o único interêsse que move a sua língua na tribuna, a sua pena no jornal, o seu pé sôbre a terra é êste: a Justiça.

Nada mais possui que o Ideal. E o Ideal obriga-o a encontrar-se em tôda a parte como em sua casa, a falar a tôda a gente como quem fala a irmãos.

Serralheiro, abandona a lima, rodeia os seus camaradas de trabalho para lhe expôr o seu pensamento libertário. Vendedor de refrescos, pára, na rua, o seu carro, faz dêle uma tribuna e reune, à sua volta, inúmeros transeuntes para lhes cantar os seus sonhos. Evadido da prisão ou da fôrca, não se esconde com medo nem se retrái para rectificar as suas ideas — escreve um folheto, planeia uma acção, concentra-se para um novo ataque.

Cincoenta anos duma vida assim chegaram a identificá-lo com a sua palavra. Ele é o que fala — um comunista anarquista. E velho, e vagabundo, e solitário, é grande como a Idea que o alenta, forte como o ferro das armas, jovem como o Ideal...

Não é um santo, nem um ídolo. Ninguêm o vê, aparecendo entre astros, rodeado de explendores em cima dum pedestal. E' mais veráz que tudo isso e mais afectivo. E, um companheiro dos homens. E' o camarada Errico Malatesta.

E vêde, que coisa rara! Tudo aquilo que embriaga e lisongeia os caudilhos politicos a êle deixa-o indiferente. E, um chefe sem soldados e sem tática; para êle não há vitórias nem derrotas — é tudo uma única batalha...

Sái dos subúrbios de Londres, do quarto dum camarada de Ancona, ou dum barco que o traz duma excursão que fez pela América, e diz logo o que se deve dizer em qualquer rua e a qualquer hora: — O comunismo anarquista, eis a verdade. E isto basta-lhe para arrebatar aos tiranos e aos opressores as multidões que êles embrutecem.

Esta é a sua obra; e êle mesmo é isto: um homem que suavisa as agruras do povo, e que aparece sempre apontando o caminho do Ideal mais elevado. A humanidade vê-o. Os revolucionários amam-no.

Nêstes últimos tempos, Malatesta voltou à Itália. Regressou indultado, septuagenário, pobre. Chegou em momentos de triunfos maximalistas e derrotas burguesas. Podia calar a sua voz, retirar-se da linha de fogo, recolher-se ao isolamento para morrer em paz... Tem trabalhado tanto!

Mas não, não pensou nisso! ¿Não vêdes que é Carlos Marx — o caluniador infamíssimo — sua tática ditatorial, o socialismo de Estado, que ameaçam impôr-se? E' preciso lutar ainda. E aí está Malatesta lutando pelo triunfo do comunismo anarquista.

Grande velho nosso!... Companheiro dos homens!... Camarada Malatesta!...

R. GONZALEZ PACHECO.

CONVITE

Convidam-se os camaradas que fazem parte do Grupo Editor de A COMUNA a reunir na proxima quarta-feira, 7 do corrente, pelas 21 horas, para se tratar de assuntos urgentes.

A ADMINISTRAÇÃO

Aos nossos assinantes e agentes

Por êste meio levamos ao conhecimento dos nossos assinantes e agentes que vamos iniciar a cobrança dos seus debitos.

Os assinantes e agentes de Lisboa que desejem antecipar-se no pagamento, evitando-nos despezas do correio, podem fazê-lo por intermédio da administração de «A Batalha».

A todos os agentes do país e Brasil, lembramos a conveniência de fazerem as liquidações mensalmente afim de evitarem dificuldades à vida do jornal.

Anastácio Ramos

Convida-se Anastácio Ramos a comparecer nesta administração, o mais breve que lhe seja possível, afim de tratar de assuntos administrativos.

UM PONTO DE VISTA

KRASSINE EM LONDRES

¿Que devemos pensar da entrevista de Krassine e de Lloyd George que nos últimos dias tem sido o assunto das crónicas jornalisticas?

Os órgãos das direitas não veem sem cólera as negociações de Londres. Os das esquerdas, ao contrário, mostram-se visivelmente satisfeitos. ¿Donde vem o ódio duns? ¿O que explica a alegria dos outros?

Recuemos alguns mezes.

Nesse tempo, Lloyd George, era o mais feróz, o mais fogoso adversário da República dos Soviets. Era ele o instigador da política do «arame farpado» e do «cordão sanitário». Os governantes francezes, à Clemenceau, armam em fanfarrões, capa ao vento, lámina nua, o chapéu sôbre a orelha. Lloyd George meditava friamente na fórma de reduzir pelo bloqueio armado, pela fome, o govêrno de Moscou, mesmo que as crianças morressem de inanição no seio das mães. O sucesso de tal plano, era, para a Gran-Bretanha, a posse das riquezas florestais e mineiras da imensa Rússia, era a gerência das vias ferreas, a fiscalisação fluvial, era, pelo Báltico e pelo Volga, a comunicação territorial das Indias e, por isso, a hegemónia británica, estendendo-se da Asia atravez da Europa.

Este plano não devia ser bem sucedido porque, solicitado por ambições adversas, os seus instrumentos que foram os Koltchak, os Youdenich, os Denikine, longe de attingirem o fim — Moscou — afastaram-se extranhamente dele, selando a união de todos os russos num sentimento panslavo. Houve um momento em que o exército vermelho, comandado pelos generais do tsar, foi senhor de todos os *fronts*. Youdenich, Koltchak, Denikine foram esmagados successivamente.

O «cordão sanitário» foi rompido. E pela brecha, o exército vermelho caiu directamente sôbre as Indias, atravez do Cáucaso e da Pérsia. Bacou, centro petrolifero, caía seguidamente em seu podêr. Rude golpe para a Inglaterra.

Os dirigentes de Londres não esperavam que as coisas chegassem a tal ponto para conjurar o perigo. Grandes órgãos capitalistas tinham feito activas campanhas, no objectivo duma aproximação com Moscou. A ameaça das Indias inquietava-os, mas também a influência que a França tomava sôbre o novo Estado da Polónia, causava-lhes fundo descontentamento. O alvo dessa campanha de imprensa, acicatada pela conveniência do perigo, foi o abandono duma política de que a Gran-Bretanha não devia tirar, no fim de contas, proveito algum.

Na conferência de San Remo, Lloyd George fazia aceitar pelo govêrno francez a ideia de que poderiam estabelecer-se as relações pacificas com o regimen russo, mediante condições.

Milerand deu o seu assentimento sem, por sombras, pensar nas resultantes em que Lloyd George já meditava.

Deve-se dizer que em San Remo, o capitalismo francez tinha obtido uma garantia muito séria sôbre a qual as gazetas nem um só pio deram: a garantia de explorar, de acôrdo com o capitalismo inglez, os jazigos petrolíferos romaicos...

O que se passa actualmente em Londres é a continuação logica dos preliminares de San Remo. Depende só da vontade do govêrno francez, intervir também na conversação. Se teimar no amuo, como aconselham os partidarios do Nacionalismo integral, corre o risco de ser escorraçado do festim. Como esta perspectiva não agrada aos ricaços francezes, como a comoção já se apoderou destes ilustres exploradores do povo a ponto de os obrigar a apresentar as suas condolências ao Parlamento, não oferece dúvida que o govêrno francez consentirá, dentro de pouco tempo, em tratar com os bolchevikis. Será a liquidação definitiva da política exterior clemencista.

Os propósitos dum Lloyd George, como os dum Milerand são de ordem governamental.

O interesse capitalista guia-os, o imperialismo que, nos nossos dias, só pode ser o extravasamento mundial da onda capitalista, caracterisa a sua acção. E' puéril e vão tentar a intervenção, nesses assuntos, das sugestões humanitárias. Hipócrita e velhaco é o govêrno que esconde sob uma retórica generosa e florida, a secura rígida dos egoismos e da brutalidade das ambições, imbecis ou malandros, os «fazedores da opinião pública» que atapulham o crâneo dos seus leitores com os ditirâmbos oferecidos aos tartufos do podêr.

¿Feita justiça a Lloyd George e aos seus iguaes, que juizo devemos fazer àcerca de Krassine? trata-se agora do representante dum govêrno, ontem ainda o opróbio dos Estados policiados, que gosava, em contraposição, dum alto prestigio junto dos povos em revolução. O evangelho novo queria que, de Moscou, irradiasse sôbre o Universo a Revolução Salvadora.

Peregrinos dessa nova fé, em grande número, aspiravam à romagem a essa Canaãn moscovita e apóstolos de coração inflamado, portadores dos santos óleos, enxameiavam por todos os cantos do Universo.

Ora, Krassine conversa com Lloyd George, o mais eminente servidor do mais formidável imperialismo que existe no mundo.

Krassine não apareceu, brandindo o raio, nem o gládio expiatório, como a imagem o desenha. Veio, cercado de conforto mundano, importante e solene para tratar dum **negócio**. ¿Que negócio? O reconhecimento do seu govêrno, a aquisição do direito de cidade, entre as potencias europeias, do Estado Russo.

Tais mercados só se tratam em Carthago, fazendo jogo franco e cartas na meza. Quem dá, quer receber. E adivinha-se muito bem, o que Lloyd George e por detraz dêle todo o capitalismo británico, desejam obter: concessões na Rússia, liberdade nas Indias, na Pérsia, em toda a Asia, a garantia de que, de forma alguma, o bolchevismo estenderá os seus estragos, com o incitamento de Moscou, às populações escravisadas.

Lia eu, ontem, num orgão pro-bolchevista, e não muito longe dum panegírico de Trotsky, devido à pena dum ex-anarquista individualista, um *suelto* sôbre o martírio do povo indú. «Mandaram fazer mil e seiscentas descargas sôbre uma multidão desarmada de cinco mil pessoas; houve quatrocentos mortos e mil feridos... houve oficiaes inglezes que se prestaram a ordenar que uma população civil desfilasse de rastos, nas ruas, diante deles, sob pena de ser fusilada... Uma escola foi bombardeada por aviões... Milhares de indús foram massacrados...»

Tais atrocidades dão-se enquanto o enviado de Lénine negoceia em Londres, junto do carrasco dêsse povo mistico e bom, de mais de trezentos milhões, que um punhado de Ingleses esmaga.

O exército vermelho interromperá a sua marcha antes de ter atingido Téhéran. O vento libertador que êle desencadeava vai extinguir-se. A *ordem* reinará no Penjab, como reina no Egipto, como reina na Irlanda...

Na verdade, ¿não é em trôco da maior abdicação e da pior imoralidade que o Bolchevismo vai ascender à dignidade de Potência entre as outras Potências de mentira e de crime?

Será a sua morte.

RHILLON.

EM DEFESA DO ANARQUISMO

I

A anarquia é uma doutrina filosófica que compreende, numa amplíssima síntese, todo o intrincado problema social.

A anarquia não é um simples princípio de destruição como o entende a ignorância e como o proclama a má fé. A anarquia não implica o regrêsso do homem aos tempos primitivos, como, enfáticamente, afirmam os sábios mercenários das classes dominantes. A anarquia é, simultâneamente a tradução da evolução política e do desenvolvimento económico.

Em todo o processo histórico, a tendência geral, que tem por fim integrar, indelévelmente, a individualidade, assim como o facto duma cada vez mais crescente substituição do trabalho colectivo pelo trabalho dissociado, envolvem a categórica afirmação do anarquismo consciente, — e isto por tal modo que, apenas dissipados, um pouco, os preconceitos e convencionalismos da sociedade actual, não há cérebro medianamente culto que não reconheça esta verdade.

A independência individual foi sempre o objecto de tôdas as revoluções; e nem um só dos grandes movimentos populares deixou de significar, apesár de tudo, uma questão de pão.

As sociedades agitam-se constantemente em tôrno destas duas ideas: Liberdade e Igualdade, como pressentindo o seu resultado inevitável — a fraternidade e a solidariedade de todos os seres humanos.

A esfinge da felicidade, distanciando-se à medida que a humanidade avança, parece deter-se um momento. Então, acode-nos à mente, como um imenso pesadelo, o montão de preconceitos, erros e falsidades que, através do tempo, teem permanecido irredutíveis no mundo social; mas rendemo-nos também à evidência duma contínua humanização da espécie que, saindo da animalidade primitiva, tem caminhado resolutamente para a meta das suas aspirações, meta que é a negação absoluta do seu ponto de partida. Avivam-se as nossas faculdades éticas; e, com o poderoso auxílio da mecânica, multiplica-se, até ao infinito, o nosso podêr físico, permitindo-nos entrever, proximamente, o reinado da abundância e a realização do amor universal humano. E êsse mesmo podêr, dominando, pelo explendor duma nova civilização, as estreitezas do passado, e mostrando-nos as amplitudes do futuro, faz-nos compreender qual é o antagonismo que existe entre um progresso material certo e um estancamento do progresso social evidente.

As artificiosas instituições, os meios ronceiros e os costumes rotinários da sociedade burguesa, não podem caber no novo mundo que dominará as fôrças da natureza, subjugando-as e utilizando-as em benefício de todos. A máquina redimir-nos há do trabalho ignóbil e ennobrecerá o trabalho útil; converterá a besta que moireja, em cérebro com conhecimentos para dirigir; suprimirá as fatais diferenças com que a *natureza* distingue os homens, para igualar tôdas as fôrças e tôdas as aptidões na síntese do trabalho mecânico. E quando o vapor e a electricidade tiverem suprimido tôda a barreira entre os corpos, estabelecendo uma *constante comunicação dos pensamentos*, então, aperceber-nos hemos da enorme distância que separa o *progresso* moral, político e social da sociedade burguesa, do progresso positivo das nossas fôrças na ordem da produção e da sciência.

O privilégio económico e a dominação política pretendem inutilizar, para nós, êsse grande avanço dum século que desenvolveu, com uma rapidez vertiginosa, todo o conteúdo da experiência; e mais — deseja ofuscar os conhecimentos dos séculos e séculos que ainda chegaram até nós. Mas é por isso mesmo que, do nosso cérebro, surge a idea dum avanço semelhante na ordem das relações da vida; e é também por isso que concebemos, com a nítida percepção da nervosidade moderna, um mundo melhor, perante cuja proximidade a impenetrável esfinge se aclara, se reduz, e, finalmente, se converte em termo suficientemente claro, transparente de verdade, apresentando-nos a solução do problema social com tanta facilidade, que não é necessário ser um talento para se formar uma opinião concreta.

RICARDO MELLA.

Os córvos...

Clemenceau e Lloyd George são dois córvos de primeira ordem. Em 21 de Maio do ano findo, numa sessão do tam rèclamado Conselho Supremo, trocaram, entre si, estas palavras, que passarão à História como «feitos» gloriosos de dois excelsos bandoleiros:

«Quando fui a Londres, no último outono, preguntei a V.: Diga-me o que é que os ingleses querem na Ásia, afim de evitar, entre nós, tôdas as causas de equívoco. E V. respondeu-me: Queremos Mossul, etc. — *Clemenceau.*»

«Como em Londres se prometeu à França, a Síria, e à Inglaterra a Mesopotâmia, pedi a V., com efeito, que Mossul passasse para a zona britânica. — *Lloyd George.*»

¿Que tal está a parábola? Estes dois cavalheiros partiram e repartiram o mundo conforme lhes deu na *gana*.

E não se levantam as pedras das calçadas!...

VIVA A PAZ... BURGUESA

Na Câmara dos Comuns, Lloyde George respondendo a uma pregunta, disse que «depois de assinado o armistício não foi vendido para Espanha nenhum material de guerra, excepto 15 aeroplanos completos, com seus correspondentes motores.»

Francamente, não sabemos para que é que as nações se armam, depois de estar esmagado o militarismo... alemão, e depois de se ter constituido uma pomposa *Liga* para a garantia da paz no mundo...

¿Dar-se há o fenómeno de que os ladrões tenham medo uns dos outros? Mas, nêste caso, quem lhe deve dar o correctivo, hão de ser os povos, porque só a êstes é que assiste êsse direito.

E já tarda, palavra de honra...

O ÓDIO... DOS LOBOS

Os Estados Unidos da América preparam-se, à valentona, para dar cumprimento a um programa de grandes construções navais. Os navios de guerra que actualmente possuem, ainda não lhe chegam para as *necessidades* de momento. Querem mais, muito mais, certamente para meterem mêdo... aos macacos, ou para resolverem qualquer *zaragata* com os seus aliados europeus de ontem.

Ora na Câmara dos Comuns da Inglaterra, o sr. Water Long, primeiro lorde do almirantado, respondendo a diversas preguntas, declarou «que o govêrno britânico seguia atentamente o desenvolvimento do programa naval americano, e que, a seu tempo, viria pedir ao parlamento os podêres e os créditos necessários, para que a Inglaterra continuasse a ser a primeira potência marítima do mundo.»

Ah! quanta hipocrisia existia naquelas *proféticas* ou patéticas palavras dos patrioteiros, durante a guerra europeia — *é preciso acabar com o militarismo alemão...* para florescer o militarismo dos aliados, *acrescentamos nós, e com razão.*

E a prova aí está — a América arreganha os dentes; e a Inglaterra, os dentes arreganha.

E os povos? ¿Que farão êles no meio desta conjuntura sinistra?

NÚMEROS OFICIAIS

O ministério da guerra, de França, mandou para os jornais diários uma nota oficiosa, na qual nos diz que, durante a guerra europeia, morreram 1 358:872 soldados franceses. Dando de barato que o número de baixas é verdadeiro, ocorre-nos preguntar: ¿—para que foi que êsses soldados sacrificaram a sua vida e a vida dos *entes que lhe eram queridos?* E um vizinho do lado respondeu-nos, muito depressa: — ora, parâ que havia de ser! para os ricos atafulharem melhor os seus cofres fórtes, com os despojos da horrorosa carnificina.

E, está certo...

AS BUJIGANGAS

Os velhos e novos-ricos, não tendo mais em que empregar o produto dos seus roubos, dedicam-se agora à compra de objectos de ouro. E, francamente, teem-lhe *um tal apetite que, parece, não há produção aurifera que os satisfaça.*

Assim, a extracção do ouro das minas americanas, foi, êste ano, tôda absolvida pelos ourives e joalheiros. *E notem que essa extracção é calculada em* 58 milhões e meio de dólares — ouro. Mas essa produção ainda não chegou para as encomendas, pois o ouro que se gastou na manufactura das bugigangas, atingiu a cifra de 60.202:838 dólares.

Tanto ouro! E tanta miséria! E ainda dizem que o mundo capitalista não está retorcido como um chavelho...

VAMOS INDO

Um inspector de polícia, chamado Henry, foi condenado a quatro anos de trabalhos forçados, por falso testemunho. Quem lhe aplicou esta pena, foi um tribunal de NewYork. Devemos, porêm, convir, que, se lá, como toda a parte, tivessem de ser condenados todos os policias que prestam falsas declarações, era preciso colocar, novamente, à porta de tôdas as esquadas policiais, uns avisos para recutamento de *pessoal*, pois não se salvava nenhum.

E' que a moralidade policial assenta nos falsos testemunhos.

A ESTÚPIDEZ... DOS BRANCOS

Em Duluthe, a multidão branca atacou um posto policial onde estavam detidos seis negros, sôbre quem *recaiam* suspeitas de *terem atropelado involuntáriamente* uma raparguita branca. Três foram linchados; e os outros três, para não sofrerem igual sorte, fugiram.

E chama-se a isto a mais bela e a mais sólida das civilizações!

HORROROSO!...

Segundo o que rezam estatísticas fidedignas, de 25 mil crianças que uma junta médica visitou em Viena, capital da Austria, 16 mil encontram-se gravemente doentes e duas mil sem esperanças de salvação! Esta situação angustiosíssima, deve-se ao inacessível preço dos géneros de primeira necessidade, que, como se sabe, é uma das maiores conquistas dos modernos Estados burgueses. Lá, como cá, o regime que impera, é o regime da ladroagem organizada. E a prova é que enquanto as crianças não teem com que se alimentar, os velhos e novos ricos gastam estúpidamente o produto das suas habilidades.

Mas vejam lá se os Guedes de Oliveira protestam contra êste estado de coisas, apresentando como solução do caso, as nossas soluções.

Isso apresentam êles, que são briosos... *Não lhe fica em caminho.*

FOLHEANDO A IMPRENSA

COMO FOI RECEBIDA «A COMUNA»

De a *Era Nova:*

Recebemos a visita dêste novo semanário doutrinário, orgão comunista libertário, sucessor do antigo quinzenário *A Aurora* que se publicava no Pôrto. Vibrante, verdades como punhos em frases correctas, bem feito com colaboração variada. Obra de abnegados e de sinceros, merece o maior aplauso e o maior carinho. Dirige-o um combatente conhecido nas fileiras operárias: Serafim Cardoso Lucena.

Conte A COMUNA com a nossa mais estreita solidariedade e aceite as nossas efusivas saudações.

* * *

Também *A Luz* do Funchal noticiou o aparecimento de A COMUNA, desejando-lhe prosperidades.

Agradecemos.

Verso e anverso

Valencia, 28 — Ontem deu-se uma terrível explosão de grisú nas minas de Barruelo. Morreram dois operários, e ficaram feridos mais de vinte, alguns dos quais gravemente. (Do *El Sol*).

Madrid, 28 — Nos salões dos marqueses de Alhucemas, foram expostas, ontem à tarde, as prendas oferecidas à encantadora Mavita Garcia Prieto, cujo enlace matrimonial se realiza na próxima segunda-feira. As prendas são de grande valor. (Do *A B C*).

O contraste é, em demasia, flagrante. Os que choram e os que riem, constituem o quadro mais *belo* que nos pode apresentar a sociedade capitalista. E' que os que trabalham, sofrem e os que parasitam, folgam.....

LEIDE

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Porta-voz da organisação operária portuguesa

ARTE & ARTISTAS

Ó VIRGENS!

O' virgens que passais, ao sol poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu [illegible] ouvir uma canção ardente
Que [illegible] transporte ao meu perdido lar...

Cantai-me, nessa voz omnipotente,
O sol que tomba, aureolando o mar,
A fartura da seára reluzente,
O vinho, a graça, a formusura, o lar!

Cantai! cantai as límpidas cantigas!
Das ruinas do meu lar desaterrai
Tôdas aquelas ilusões antigas

Que eu vi morrer num sonho, como um ai!
O' suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... cantai!

ANTONIO NOBRE.

A PROCISSÃO DOS FOGARÉUS

Ao meio dia de quinta-feira Maior, Braga entrava em silêncio. Cajavam-se os sinos nas torres, os relógios não batiam horas, eram a meia voz os pregões nas ruas, a garotada assobiava a mêdo, e às crianças prohibia-se-lhes o riso e o canto. Nos botequins cobriam-se os bilhares, guardavam-se os baralhos das cartas, as pedras do dominó, as bogalhas do quino, os dados e o taboleiro do cabrilento gamão — porque era sacrilégio toda a espécie de jôgo nesses dias de luto religioso; e se, em tôrvos recantos de tabolagens gordurentas, alguns impenitentes viciosos do monte arriscavam de alforge à dama uns miseros patacos carimbados, logo bôcas beatas resmoneavam com aziumada repugnância:

— Aqueles estão jogando a túnica de Cristo!

Um negro silêncio, como cerrada nuvem que descesse e abafasse a cidade, entenebrecia tudo. Havia crepes no aspecto das casas e das ruas; na rigidez dos trajes; na fisionomia das pessoas; no recolhimento dos gestos. O comércio fechava meias portas e não tirava os taipais. Calava-se, nas casas em construção, o chiar das roldanas e a melopeia dos pedreiros içando cantarias; e também se não ouvia nas ruas a gaita dos bota-gatos, as campainhas dos machos liteireiros, o solavanco dos carros de bois, o bater sonóro dos tanoeiros e o tintinar dos martelos de aço na bigorna dos ferradores. Nalguns lares não se acendia lume; e nos corredores dessas casas piedosas tudo era flores e cêra, e um formigar de mulheres dispondo jarras, enfeitando oratórios, acendendo velas bentas, indo e vindo em passadas moles, o corpo caído para a frente, o lenço do luto nos bandós colados à testa, nas faces chupadas o jejum dos 40 dias quaresmais, os olhos pestenejando de cansaço, e no fio dos beiços sem côr o bichanar miúdo de centenas de Padre-Nossos e Ave-Marias ciciados automáticamente.

— O Senhor estava morto!...

Ao princípio da tarde, os sineiros batiam matracas nas torres, chamando os padres ao côro; e, pouco depois, homens vestidos de preto e mulheres recolhidas em mantilhas saíam de suas casas para visitar as igrejas — sete — e em cada uma delas deixar a reza pesada duma «estação»; terminavam na Sé, assistindo ao ofício das Trevas, acocoradas, como carvões de Góia, nos degraus sombrios dos altares lateraes da velha catedral. Ancilícia; e, recolhendo cada um a suas casas, as ruas ficavam desertas e a cidade ás escuras pesava o ar duro da contrição!

— O Senhor estava morto!...

* * *

Noite cerrada, saía da igreja da Misericórdia a procissão de Endoenças. Pouco a pouco, apagadas tôdas as luzes no interior das casas, as varandas e janelas de rótulas iam-se enchendo de figuras escoadas a mêdo na tinta da noite. Mas já ao longe se ouvia um estranho vozear de multidão e incertos fogachos de lumieiras se agitavam, sinistros na treva espessa; era a ronda dos fogaréus — temido bando popular, precedendo a procissão, que, imágem da canalha farisáica na traidora noite de Iscarites, tinha a essa hora de severas contas o inaudito direito de acusar uma cidade inteira, pronunciando em voz alta os crimes de cada um, não só os divulgados, mas ainda os ocultos à maioria das pessoas.

Homens vestidos de penitentes, a cabeça em elmos de vizeiras cerradas empunhando varapáus suspendendo tijelas de ferro com pinhas engraxadas em borras de azeite a arder no meio de cabeleiras de fumo amaltavam-se com catervas de indivíduos de tôdas as classes, embuçados e disfarçados, que trancando as ruas de lado a lado, se serviam dessa noite de carnaval infamador para atirar à cara das pessoas que estavam nas janelas, por entre roncos de buzinas, assobios, váias e gargalhadas, insultos desabridos e denúncias imprevistas!

Roubos praticados em confrarias, e até êsse dia desconhecidos; heranças descaminhadas; mancebias escandalosas; tramóias clericais; conlúios políticos; adultérios aristocráticos e plebeus; amores de padres e amores de freiras; negócios de usurários; desevenças domésticas; suspeitas caluniosas; ditos de intriga; tudo o que se sabia, tudo o que se dizia, ou tudo o que a maldade conjecturava, era apregoado em frente às casas, e cara a cara dos delinqüentes, por essa voz de trovão, que estrondeava no bôjo dêsse bando anónimo — monstro infernal das almas da Insídia, da Calúnia, da Inveja e do Despeito.

Das gúelas da besta desavergonhada ressoam urros:

— «Seu agiota, restitua à viuva de fulano o dinheiro que o marido lhe deu para guardar!»

— «Doutor da Mula-Russa ¿Não sentes que o chapéu te não cabe na cabeça?»

— «Senhora Dona fidalga, ¿que nome poz na engeitadinha?»

— Seu ricaço, veja se morre, que o herdeiro anda danado por isso?»

. . . . . .

E as labarêdas dos foguréus, passando à altura dos primeiros andares, iluminavam desfiguradamente a palidez dessas faces apavoradas, inquirindo nos golpes que a revolta e a vergonha nelas rasgaram, os efeitos das difamações ou das verdapes denunciadas!

Tudo se dizia! Era a calúnia mascarada; a carta anónima em pregão; a surdina do mexerico em voz reforçada, a barrela pública das mais íntimas porcarias; a trágica revista do ano feita às consciências pelos maldizentes de ofício, pela gente vingativa, pela ralé inculta e de má indole! Por isso as almas, as mais lavadas, estremeciam ao sentir aproximar-se êsse Bando do Pavôr, permitido pelo alto clero com o fim de, à falta de denúncias à Inquisição, ser êle, uma vez no ano, o pelourinho andante das mais escondidas vergonhas!...

ANTÉRO DE FIGUEIREDO.

LEIAM

A minha defesa

POR

JORGE ETIEVANT

Preço, 50 reis

A' venda na redacção de A COMUNA

NOTAS DUM PERDIDO

XIII

Não é segrêdo para ninguém, que a tam decantada e célebre «Liga das Nações», foi constituída pelos fazedores de guerras e ultra culpados da última grande carnificina humana. Financeiros, militaristas, imperialistas e nacionalistas dos mais arrevesados, todos os que fazem e teem estúpido interêsse em manter o explorativo regime capitalista, são quem ali se dispunha a, hipocritamente, solucionar as questões internacionais e dispôr a seu gôsto, das respectivas populações. Felizmente que parece morrer na casca, porque as apregoadas vantagens da sua existência seriam só em benefício das personalidades e classes que sugeriram e constituiram a Liga. Mas, se não morreu na casca, está pelo menos aleijada, estropiada, sendo isto o que dedepreendo do tocante apêlo de Llody George ao público inglês, para que êste contribuisse com um milhão de libras para a liga, para que ela pudesse exercer a sua acção de uma suposta esperança de paz permanente.

Não sabemos como o público inglês responderá ou contribuirá para êste apêlo do seu ministro. O que nos parece é que, se o bom senso estivesse na seu lugar, a resposta lógica e merecida seu o tornar êsse hipócrita responsável pelo desvio de valores públicos, bem mais superiores do que o milhão de libras porque êle agora apela, para a Liga dos réus, pois muito mais do que isso, o bem contra as faladas pretensões da Liga, tem êle e os seus criminosos colaboradores dispendido em armamento fornecido aos polacos para atacarem e invadirem a Rússia; mais do que isso tem êle gasto com as expedições ao Egito e à Mesopotâmia para defender os interêsses dos magnates britânicos; mais do que isso gastou êle com as carnificinas para manter a escravidão na India; mais do que isso está êle a gastar com a sufocação das aspirações irlandêsas; mais do que isso, como diz um jornal, gasta êle, — admirai ingénuos! — com a espionagem sôbre a classe trabalhadora não só da Inglaterra mas doutros países.

Dinheiro para manter a Liga das Nações...

A cabêça que a sugeriu, Wilson, em 5 de Setembro de 1919, num discurso pronunciado em St. Louis, lá no país dêle, deixou escapar esta sentença para os ouvintes: «Paz! Porquê, meus concidadãos, há aqui algum homem ou mulher — deixem dizer, há alguma criança? — que não saiba que a semente das guerras no mundo moderno é o produto das rivalidades comerciais e industriais? A última guerra, foi uma guerra comercial e industrial. Não foi uma guerra política».

Ora, amigos leitores, as rivalidades comerciais e industriais ainda não desapareceram, nem desaparecerão enquanto perdurar êste condenável regime que nos afixia e nos subjuga, tornando a Liga uma burla para entreter e adormecer os incautos povos que ainda se fiarem em cantigas de dirigentes.

Wilson, ao mesmo tempo que propunha a fundação da Liga ajudava a votar um orçamento de 85 milhões de libras, só para construir e manter em agressima atitude a esquadra naval, justamente quando o seu cooperador na Liga, o mesmo Lloyd George, fazia aprovar no parlamento inglês a votação de 84 milhões de libras para o mesmo fim e ter aumentado em 200 mil homens os efectivos do exército territorial de ante guerra.

E veem êstes tartufos encapotar-se com Ligas de Nações, quando a ameaça de uma nova e não menos terrivel guerra paira já sôbre a atmosfera pesada do ambiente dos «dois mundos», construindo e mantendo «a mais formidável Armada que o mundo jámais viu construir» e «em tais condições que cada rival se proteja contra todas as outras nações», que tem sido, afinal a cantiga e o ameaçador espantalho, sempre que desejam lançar os povos em lutas fratricidas.

Não se disponham os trabalhadores a não tolerar mais nenhuma guerra, a não alimentar com a sua carne a bôca hiante dos canhões dos seus amos, e, os que escaparem, verão a que ficarão reduzidos. A amostra, bem recente e bem fresca, está a nú, bem vivida e bem patente...

GRAND-GOSSE.

Em prol de A COMUNA

Do nosso presado camarada Gonçalves Corrêa, recebemos a seguinte carta, que muito agradecemos:

Camarada redactor:

A COMUNA diária, belo sonho, meu querido camarada! Oh! Sim, nós temos olhos, olhos infiltrados no cérebro, e bem «vemos» com êles que a nossa santa e generosa causa ganha terreno dia a dia, conquistando a consciência dos escrávos!...

A COMUNA diária tem de ser um facto quanto antes, pois é necessária, imprescindível, a sua acção entusiástica de todos os dias... Vai alto, imponente de grandeza deslumbradora, o sol rutilante da Liberdade e a Liberdade temos nós de defendê-la com unhas e dentes, custe o que custar! A nossa tribuna diária não pode dispensar-se. Assim, cumpro o dever de te enviar aqui um vale do correio de 60$00, donde retirarás 50$00 para A COMUNA, minha contribuição voluntária, pedindo-te que entregues os restantes 10$00 à desolada companheira do nosso inditoso camarada Carlos da S. Domingos, a que se refere a notícia do último número, inserta na 2.ª coluna da 1.ª página.

Imponênte grandeza dos nossos princípios! Ah! Bem sabes tú, meu intrépido companheiro de Ideal, como se gosa intimamente lutando contra a negra tirania que impéde o género humano de ser feliz!

Emoção bemdita espalhada em todo o nosso ser! Tam grande, tam extraordinária emoção, que nada consegue deter-nos: nem enxovias, nem calúnias, nem mentiras, nem infâmias de tôda a ordem! Oh! Como tu, como tantas outras almas ardentes, sinto que «ELES» terão de perder a partida!...

Abraça-te, como a todos os bons camaradas redactores, o

Teu e do Ideal,

Gonçalves Corrêa.

44 HORAS SEMANAIS

O Congresso da Federação Gráfica Espanhola aprovou o seguinte, referentemente à jornada de trabalho:

«A jornada de trabalho para todos os operários do Livro e do Jornal, não poderá exceder quarenta e quatro horas semanais: oito em cada um dos primeiros cinco dias da semana, e quatro ao sabado.

Aos nossos assinantes da América do Norte

Participamos aos nossos estimados assinantes dos Estados Unidos da América, que podem fazer o pagamento das suas assinaturas ao nosso camarada Manuel Moutinhs, 124 c County Street — New Bedford Mass.

A COMUNA

Continuamos a publicação das listas de subscrição já recebidas.

Não foi em vão o nosso apêlo. E o auxílio que de todos os lados nos vem sendo prestado, prova que todos os nossos camaradas estão concordes na necessidade de sustentar na imprensa um baluarte de defeza e propaganda das doutrinas comunistas-libertárias.

Aos camaradas que tenham em seu podêr listas de subscrição já completas pedimos a fineza de as enviarem a esta administração, a fim da sua publicação se ir fazendo regularmente.

Igualmente pedimos aos camaradas que ainda não entregaram as importâncias com que subscreveram, a fineza de o fazerem até ao fim do corrente mês, a fim de podermos regularizar as nossas contas e habilitar-nos a satisfazer compromissos tomados.

Importância total da subscrição recebida da América	2 010$75
Total das quantias subscritas nas listas de subscrição distribuidas pela redacção e publicadas até ao n.º 9.	893$56
Soma . .	2.904$31

Lista n.º 78

A cargo de Bernardino P. Costa:

Bernardino P. Costa. .	1$00
António Ribeiro . . .	$50
José Pinto	2$00
José P. Ribeiro . . .	1$00
Adelino P. Costa. .	$50
Joaquim M. e Silva.	1$00
Alberto F. da Silva .	$50
Américo F. da Silva .	$50
Manuel F. Monteiro .	$50
Joaquim Pereira. . .	$50
Israel D. Sousa. . .	1$00
Francisco Teixeira . .	$50
Adelino Duarte . . .	$50
Gilberto C. Pinto . .	$50
Soma . .	10$50

Lista n.º 44

Entregue por Luís Machado, de Lisboa:

Artur Freitas	$50
Manuel Freitas . . .	$50
Ricardo Henrique . .	$10
Severino A. Leite . .	$10
J. S. Miranda	$50
Soma . .	2$20
António J. Freitas . .	$50

Lista n.º 52

Entregue por Mateus R. Vieira—Pôrto:

Bernardino Barbosa .	$50
Manuel Mendes Júnior	$50
H. da Silva Carvalho.	1$00
Marteus R. Vieira . .	$30
Soma . .	2$30

Lista n.º 48

Entregue por João Vieira da Silva —Pôrto:

João V. da Silva. . .	10$00
José L. C. Silveira . .	2$00
Anónimo F.ª	2$50
Manuel M. de Castro .	2$50
Damião Bastos . . .	1$00
Manuel P. Cardoso .	1$50
Joaquim C. Rosas . .	1$00
Ventura D. Lopes . .	1$00
Cosme da C. Cruz . .	1$00
Jacinto Lopes. . . .	$50
Anónimo	$30
Luís F. Cardoso . . .	2$50
António M. Silva . .	$50
Joaquim R. F. da Gama	1$00
António A. Magalhães	$50
José de Castro . . .	$50
Soma . .	28$30

Lista n.º 85 (Redacção)

Manuel J. Saraiva — V. do Conde.	$30
Manuel C. Machado — V. do Conde. . . .	$30
José Esteves—Lisboa .	$23
António L. Queirós — Lourenço Marques .	10$00
José T. Carvalho — Pôrto	$50
Joaquim Santos — América	5$50
Higino de Assunção — Pôrto	5$00
António L. Sousa — Abrantes.	1$00
Manuel Ribeiro da Silva — Pôrto	2$50
Manuel D. Magalhães — Pôrto	$20
Um espanhol—Pôrto .	$40
José de Matos — S. Vicente	20$00
José S. Chicharo — Beja.	$20
Joaquim Mendes — Pôrto	$50
António P. Costa — Ilhavo.	1$15
Alvaro Resende — Pôrto	2$00
Ernesto M. Sousa — Hungra	$75
Gabriel F. Marques — S. Cosme.	1$50
Joaquim Higino — Lagos	$50
António Beira — Igrejinha	1$40
Quete que era destinada ao Diário «O Avante» — Lisboa .	3$00
Juventude Sindicalista—Belem	1$00
Soma . .	57$98

Subscrição aberta entre operários portugueses residentes em Fontaine Notre Dame, Cambrai Nord — França.

Afonso da Silva . . .	2$01,5
Carlos A. Ferreirinha.	$35
Joaquim da Costa . .	1$75
Manuel Fernandes. .	1$75
António G. Faria . .	$70
José R. de Sá	$35
Jose Maria Esteves. .	$70
Augusto Filipe . . .	$70
Avelino S. Freitas . .	$70
António F. Assunção .	$70
Sebastião Peixoto . .	$70
Manuel Antunes. . .	$35
Manuel Joaquim. . .	$35
Manuel S. Vieira . .	1$75
Filipe Dias	$70
Guilhermino Pinto. .	$35
Júlio Barbosa	$35
Serafim Andrade . .	$35
Manuel G. Pinho . .	$35
D. R. Margarido. . .	$35
Jesuino Afonso . . .	$35
José Pires	$35
Manuel Correia . . .	1$05
Manuel da Silva. . .	$35
José M. de Almeida. .	$70
Albino R. Calão . . .	$35
Manuel S. Guimarães.	$70
Silvestre S. Guimarães.	1$05
António J. Rodrigues	$78,5
Soma . .	21$00
Transportar . .	3026$59

Uma selvageria!

ANTA, 27

Ampliando a minha correspondência de 4 do corrente, sou a dizer-vos que o desgraçado mendigo, tam barbaramente espancado pelos brutos religiosos, faleceu no dia 22, no hospital de Oleiros, para onde o haviam transportado. Fui lá informar me do ocorrido. O infeliz morreu no meio das dores mais atrozes. O médico, com uma solicitude digna de nota, empregou todos os meios para o salvar. Não pôde. O infeliz chama-se Adelino Pedrosa, tinha 34 anos de idade, era natural de S. Miguel das Caldas—Guimarães—e filho de Joaquim Pedrosa e Francisca Caldas.

Convêm mencionar o nome do indivíduo que lhe prestou os primeiros socorros, porque nem tudo o que aqui vive é podridão religiosa.

Há também quem sinta as dôres alheias. Esse indivíduo, que ficou horrorizado perante o espactáculo que se lhe deparou, chama-se Bernardino Pinto d'Almeida. Auxiliou, naquilo que pôde, o pobre mendigo. E tamanha impressão recebeu com a descrição da selvageria, que adoeceu...

Os assassinos — verdadeiras feras — andam à solta, rindo e folgando, bebendo pingoletas e rezando. A lei deve ser igual para todos. Mas não acontece assim. Pera nos defendermos da arremetidas de semelhantes brutos com forma... de gente, é preciso andar armado até aos dentes.

Povo de Anta! Alerta! Olha que as feras podem fazer-te o mesmo, na certeza de que ficam impunes.

Um revoltado.

TRIBUNA DOS NOSSOS

Palavras dum jovem

Lembro-me, como se fosse hoje, da idea que na minha infância, fazia dum anarquista: êle era o pior dos criminosos que apenas tinha em mira o saque e a destruição.

Certa ocasião, teria talvez nove anos, ao ler numa parede esta frase, que mão desconhecida ali tinha gravado; — *Viva a Anarquia*, apossou-se da minha mente um vago sentimento de horror pela mão que aquilo tinha escrito; é que, para o meu infantil espírito a Anarquia era um regimen em que cada qual poderia livremente matar o seu semelhante para se apossar dos seus haveres. E foi com o espírito obsecado por essa concepção errónea, eivado ainda dum obscurantismo que não tinha combatido — mas tendo já a percepção duma nova aurora que ante mim se abria — que eu escrevi, há cerca de um ano, isto que vou encontrar à margem dum livro:

«Sinto levantar-se em meu espírito uma tremenda luta de sentimentos: A *Igualdade* em que a sociedade está constituida: uns rastejando pelos cantos, morrem de fome; outros, num contraste escarnecedor, vivem no fausto; a *Fraternidade* que entre a humanidade existe: o povo acutilado e massacrado quando ousa dizer que tem fome; e, finalmente, a *Liberdade* que o proletariado tem de reivindicar aquilo que se lhe torna indispensável, sendo obrigado à fôrça, a trabalhar quando em greve se declara, e maltratados, presos e deportados aquêles que se não curvam ante a vontade alheia; tudo isto, acudindo-me em tropel à mente, tem feito germinar em mim um sentimento de revolta. E, se—em virtude de ser impossível, dentro da actual organização social e pelos meios legais, atingir a felicidade—promover por tôdas as formas a sua destruição, para edificar uma Sociedade Nova é ser anarquista, eu sou anarquista.»

A minha profissão de fé! ¿E de que maneira?

Tendo apenas uma ideia em embrião, antevendo vagamente as belezas dum ideal, sem contudo as conhecer de perto, fazendo ainda dum anarquista uma idea muito palida, mas reconhecendo as injustiças desta sociedade corrompida e que de per si se estacéla e vai derruindo, eu disse: Sou anarquista!

Porêm, um ano decorreu e nêste interregno de tempo, profundas evoluções de ideas se manifestaram no meu cérebro, e à fôrça de persistência, tenacidade e uma indomável vontade de saber, encontro-me hoje com a consciência formada para poder definir uma idea, e banindo por completo aquelas falsas teorias que esta sociedade corruta infiltra nos cérebros infantis, eu curvo-me reverente perante a sublimidade do ideal anárquico.

E' pois a vós, jovens, homens do futuro, que ainda andais mergulhados no obscurantismo que eu me dirijo.

Procurai saber, estudai, preparai as vossas consciências para aquêle grande dia que se aproxima e em que se ha de comemorar o mais agigantado passo que jámais deu a Humanidade: A Revolução Libertária.

LUÍS A. DE CARVALHO.

Os "direitos" dos povos

Quando a Inglaterra entrou definitivamente no conflito europeu, disse pela boca dos seus *representantes*, que o seu «gesto» só tinha um único fim: garantir a independência das pequenas nacionalidades, fazendo valer os direitos de todos os povos. A França, a Itália, enfim, tôdas as nações aliadas fizeram côro com o estribilho, e mais de cem parvos pretenderam convencer-nos de que aquelas palavras eram essencialmente verdadeiras, quando nós sabíamos muito bem que elas não passavam duma refinadíssima hipocrisia.

O tempo, aliás curto, já nos deu razão. Os apetites voracíssimos das grandes potências teem se manifestado exuberantemente, à vista de todos, e continua a manifestar-se, como se pode vêr do que abaixo segue, e que é traduzido dum jornal estrangeiro:

«Pode afirmar-se que os verdadeiros interêsses da França, no Oriente, principiam onde terminam os interêsses da Inglaterra. A França não se importaria de sacrificar a sua tradicional influência na Turquia e a admiração de Pedro Loti nas aras da Gran Bretanha, desde que esta em troca, lhe deixasse, como se diz em *argot* diplomático e grosseiro, «as mãos livres» sôbre o mundo mussulmano da Síria a Marrocos, incluindo Tanger.

Para a França, o nacionalismo árabe é seu inimigo; como para a Inglaterra, o nacionalismo turco representa o mesmo papel. Se o émir Feiçal é uma criatura da Inglaterra, Mustafá, o Grande Turco, é uma criatura da França. A Inglaterra e a França teem, pois, os seus fogos cruzados no Oriente. Em conseqüência da sua política oriental, a Inglaterra procura entrar em relações com a República dos Soviets, e prepara, ao mesmo tempo o exército grêgo para atacar os nacionalistas turcos. E em nome da França, o general Gourand faz um armistício com os nacionalistas turcos e concentra tropas na Síria. O militarismo francês projecta uma grande empresa guerreira contra os árabes. Que expedição começará primeiro: ¿a dos franceses contra os árabes ou a dos gregos, em benefício da Inglaterra, contra os turcos?»

¿E que tal está o tam decantado «direito» dos povos? Tudo lérias, ó Rosa... para engodar papalvos.

A verdade núa e crúa

Referindo-se à comparticipação de Portugal na guerra europeia, escreve o sr. Anselmo de Andrade:

«A ilusão dos proveitos da guerra, com que em tempos se pretendeu cobrir o espantoso sacrifício da nossa intervenção armada, está desfeita. Não faltou quem dissesse e escrevesse que fomos para a guerra sem a isso termos sido forçados por obrigação ou por dever. Era verdade. Entramos na guerra cègamente, sem a fácil previsão das más eventualidades futuras. São essas que nos estão agora a afligir. A paz, que devia ser a nossa recompensa, é para nós uma expiação. Expiamos um êrro, ou pelo menos uma leviandade. Dêmos antes êste nome ao desgraçado feito... O país entrou mal na guerra, e saiu dela pior.»

Apesár da profunda observação que encerram estas palavras — os patriotas e os empresários da guerra continuam a dizer que Portugal se *nobilitou* e se *engrandeceu* com o seu «gesto». Não há dúvida — teem interêsse nisso. E com interessados em empresas, nem sequer vale a pena discutir. O povo que abra os olhos e que não torne a caír noutra. Porque nesta questão de guerras — está provado, suficientemente provado — é sempre êle quem vai tirar as castanhas do lume... para os ricos se alambazarem com elas. As guerras constituem crimes infamissimos. E os que as provocam não são senão criminosos, mas grandes criminosos. Ora como todo o criminoso apresenta o seu advogado de defesa, os provocadores de guerras, como geralmente possuem muito dinheiro, também arranjam êsses advogados. De aí a chusma de parvos e imbecis que se esfalfam a justificar a atitude de Portugal na questão do conflito europeu. Mas o que vale é que, de vez em quando, lá aparece uma opinião destoante, uma opinião que não se deixa embarrilar com as parvoiçadas dos patrioteiros. Os que levaram Portugal à guerra não passam, pois, de criminosos. Sacrificaram vidas e dinheiro, para no fim... ficar tudo sacrificado.

Infames criaturas, que tôda a cautela com elas ainda é pouca!

Nota — No número passado, e na noticia — «Os Civilizados» — o último periodo que começa: — *Assim. . que tenham paciência*, era o final do suelto; o resto não lhe pertencia, pois que faz parte dêste suelto, o que se publica agora para restabelecer o que escrevemos.

Uma religião intolerante, uma religião cujo culto exige uma despeza considerável, é incoutestavelmente uma religião nociva. Forçosamente, com o andar dos tempos, a sua intolerância despovoa o país e o seu culto demasiadamente caro o arruina.

HELVÉTIUS.

A nossa Alegoria

Encontra-se já á venda na nossa administração, a magnífica alegoria publicada no nosso 1.º número e impressa em separata em ótimo papel.

O seu preço é de $25 cent. cada exemplar, devendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

MOVIMENTO SOCIAL

A GREVE DOS ALFAIATES

Ha quarto longas semanas que esta numerosa classe se encontra em luta contra a avareza dos industriais, que, por egoismo lhe negam o reclamado aumento de salário.

O movimento tem sido heróico, com uma rasistência digna de registo, o que já esperava-mos porque conhecemos a consciência da classe e o grandioso número de camaradas libertários, que militam dentro da organização sindical dos alfaiates.

Os contra-mestres e cortadores, esquecendo-se que são uns párias exploradores pela burguesia, declararam também a greve de solidariedade com o patronato para evitar que funcionassem um grande número de casas que trabalhavam com a tabela apresentada pelo sindicato.

E' para lamentar que, segundo as afirmações do respecúvo sindicato, alguns industriais que abertamente combatem as reclamações dos nossos camaradas, tenham sido em tempos passados, quando eram operários uns rebeldes contra os seus antigos opressores.

Os camaradas alfaiates para conseguir uma triunfante vitória devem actuar sempre revolucionariamente demonstrando aos seus verdugos que querem viver como homens livres.

Numa das suas últimas reuniões resolveram organizar uma cooperativa de produção com uma dezena de filiais a qual se destina a trabalhar com a maior perfeição e a servir mais barato o público, livrando-o das garras aduncas do industrialismo.

Coerentes com o critério anarquista, sabemos que é organizando a produção por intermédio dos sindicatos que no futuro conseguiremos implantar o comunismo anarquista fazendo com que a inevitável transformação social seja desviada para uma nacionalização das indústrias, o que equivale à formação de um Estado proletário.

Entendemos porêm que essa cooperativa não deve distribuir dividendo, e desde que os seus cooperadores tenham assegurado um salário equivalente à carestia da vida, o restante capital que exceder deveria ser disribuidos pelos presos sociais, sindicatos, imprensa operária, e propaganda anarquista.

Camaradas: lutai com persistência, hoje pelo aumento de salário e no futuro, uma vez organizado o Sindicato Unico do Ramo do Vestuario, tôda a nossa aspiração será para que façais o possivel por construir os alicerces da sociedade futura, e isso se fará desde já, se vos fôr possivel organizar a produção por intermédio do vosso sindicato, evitando a exploração que hoje exerce o patronato sôbre vós e sôbre o público em geral.

Recebemos uma nota oficiosa do sindicato dos alfaiates em que atacava um dêstes industriais devido à sua conduta não ser coerente com o ideal anarquista que dizia professar.

Convem esclarecer os camaradas grevistas que nós não consideramos anarquistas militantes, aquêles que ao Ideal não prestem a sua colaboração e demonstrem com as suas ações ser incoerentes com os principios libertários que propagamos.

N. R.

SINDICATO UNICO METALÚRGICO DO PORTO

Em reunião conjunta da comissão administrativa e Conselho Técnico realizada na penúltima terça-feira foi apreciada demoradamente a circular n.º 5 da C. G. F. na qual é reclamado aos sindicatos aderentes o aumento da côta confederal para dois centavos por semana e por sindicado afim da Central dos Sindicatos Portugueses se habilitar a fazer face aos pesadissimos encargos que as necesidades do momento impõe e para melhor assegurar uma existência mais desafogada ao orgão dos trabalhadores, «A Batalha» que está ameaçado de desaparecer da circulação se as classes oprimidas não lhes prestarem o seu auxilio material, mas de uma maneira concreta e efectiva.

Depois de acolorada discussão e analizando-se o estado moral de uma grande parte da classe metalúrgica, ficou assente que se promovam sessões de propaganda na séde Central e nas secções para ilucidar a classe das vantagens do aumento da côta, visto que a que actualmente está em vigor não satisfaz as exigências de uma organização sindical moderna, capaz de se fazer temer da classe exploradora.

* * *

Recebemos do S. U. Metalúrgico, Secção do Ferro, uma circular dirigida aos industriais expondo a situação económica dos operários dessa indústria e reclamando um aumento de 60 % sôbre os salários actuais.

Desejando intimamente, que a classe metalúrgica veja integralmente satisfeitas as suas reclamações, esperamos que ela saiba orientar o seu movimento de maneira a que os frutos colhidos, revertendo em benefício dessa classe, não venham reverter também em prejuizo do público em geral, mas sómente em prejuizo da classe patronal, cerceando-lhe os lucros excessivos que actualmente auferem.

RELEMBRANDO

São, os jornais, pela própria natureza de meio em que hoje se vive, umas como que bibliotecas baratas, aonde um público ávido e laborioso, sem tempo para leituras demoradas nem dinheiro para grandes aquisições, vai beber ou retemperar a sua fé. E, como nem todos possuam a integridade moral precisa, para deferenciar a astúcia da parte meramente evangelicà; a manha, que esconde o negócio, da sinceridade que se nos abona pela fé, cumpre que o jornal ostente a inflexibilidade da doutrina, exactamente como ao partidário importa que se nos afirme pela firmeza do seu sentir. Fóra disto o jornal será sempre o produto de um negócio suspeito: do mesmo modo que o sectarista de muitos criterios ha-de ser um nulo ou um venal

Variar, pois, as orientações e os estados do espirito, na mesma gazeta, de modo que um público, e não todo um grupo de homens, a freqüente, póde, em verdade, ser lance ou rasgo de um alto espirito comercial, de taberna, de tasca, que dá vinho e acepipes para todos os paladares, ainda para os mais depravados, o que jámais será é emprêsa que honre ou ilustre o nôme dos seus exploradores. Tal género de jornais suprime-se, elemina-se mesmo, por decôro, por decência, por honestidade até

JOSE CALDAS.

A COMUNA

nos seguintes locais:

LISBOA

Federação da Construção Civil — Calçada do Combro, 38.

Tabacaria Barbosa — Rua do Carmo, 67.

Quiosque de Alcantara — Largo de Alcantara.

Rosa & C.ta — Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.

Tabacaria Araujo — Rua da Palma, 59.

Tabacaria Beltran — Rua da Escola Politecnica, 84.

Tabacaria Ideal — Rua dos Correeiros, 211.

Tabacaria Pires — Rua do Poço dos Negros, 110-112.

Tabacaria Condes — Avenida da Liberdade.

Tabacaria Saraiva — Travessa de S. Domingos, 4 e 6.

Tabacaria Vouga — Rua do Rato.

A Moldura do Castelo — Largo do Intendente, 58.

Nunes & Pinto — Rua da Bica do Sapato, 16.

Mercado Literário — José da Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

Quiosque de Alcântara — Júlio Joaquim Pimenta.

Tabacaria A Tentadora — António Lopes de Melo, rua Ferreira Borges, 1-A.

Sindicáto Unico Mobiliário, continuo — T. da Agua da Flôr, 16-1.º.

PORTO

Em todos os Quiosques e Tabacarias.

SETUBAL

Barbearia Quaresma — Avenida Todi, 322.

SACAVEM

A. J. Neves — Largo da Feira, 74.

VIANA DO CASTELO

Quiosque Universal.

Posta Restante

Lourenço Marques — Eduardo Carlos Pereira — Recebemos 38$50,26$00 de assinaturas. e 12$50 para subscrição voluntária. As assinaturas de A. J. de Brito, José P. Reis, J. [illegible] Almeida, J. Joaquim, M. Fajardo, R. S. Jordão, Adelino Pereira, Abel G. Jardim, Carlos d'A. e Silva, Manuel Albino e a tua ficam pagas até ao n.º 30 da COMUNA; e a de E. d'Abreu fica paga até ao n.º 1. O jornal, custa, agora, 50 réis cada exemplar, razão porque os assinantes ficam pagos só até ao n.º 30. Obrigado por tudo.

Conta corrente de A COMUNA

RECEITA

DE ASSINATURAS

Porto — L. A. Ferreira, 1$00; A. Aurélio, 1$50; A. Baptista, $67; J. M. Ferreira, 1$02; H. P. Caldas, $22; F. Gonçalves, $52; J. Quintana, $47; Paiva, $30; Carolina Rosa, $60; J. P. Coelho Júnior, $50; M. da B. Júnior, $50; J. Mendes, 1$22; M. C. da Silva, 2$60; J. Pereira, $50; C. Rodrigues, 1$00; A. Silva, $25; [illegible] Laranja, 1$52; J. Gabriel, $[illegible] Tomé, 1$30; M. da Silva, $[illegible] A. de Oliveira, $20; Cobrança pelo correio, 57$80. *Mombeja* — J. Mateus, 1$00; I. Gonçalves, $60. *Lourenço Marques* — A. L. Queirós, 1$60; E. C. Pereira, 3$00; E. Abreu, A. J. Brito, J. P. Almeida, J. Joaquim, M. Fajardo, R. S. Jordão, A. Pereira, A. G. Jardim, C. A. Silva, M. Albino, 10 a 2$00 cada um; J. P. Reis, 4$00. *Benguela* — M. B. Mendes, 1$21. *Gaia* — D. Castelhano, 1$00; A. Sá Encarnação, $50. *S. João da Loure* — B. R. Rezende, $60. *Igrejinha* — A. Fatias, J. B. Peixe, 2 a $60 cada um; A. Beira, $83. *Lisboa* — J. Seabra, L. Constantino, A. P. Alonso, J. Gonçalves, C. P. Cruz, 5 a $50 cada um, Gomes Amaral, 2$50. *Castelo de Paiva* — M. Carvalho; 5$00. *Saboia* — J. Revez, $20. *Angra do Heroismo* — E. M. Sousa, 1$40. *Gondomar* — M. da Rocha, $65; G. F. Marques, $92. *Gafete* — A. S. Paiva, $50. *S. Paio* — J. G. Cabral, P. Cabral, J. Amaro, 3 a $50 cada um. *Braga* — A. Baptista, 1$50. *Espinho* — L. Esteves. $60. *Leiria* — A. Rodrigues, $10. *Macedo de Cavaleiras* — M. S. Cal, $75. *Ponte do Lima* — M. J. da Cunha, $65. *Arruda dos Vinhos* — J. Amorim, $50. *Póvoa de Varzim* — M. C. Machado, $50. *Vila da Feira* — J. S. Pinho, $50. *Vizela* — A. Oliveira, $30. Cobrança pelo correio, 36$25. *França* — M. da Silva, $90. *Brasil* — C. N. Leitão, 5$000. *América* — J. Gonçalves, F. Ramalho, L. S. de Sousa, J. M. Claro, 4 a 5$50 cada um. Soma, 194$85

VENDA DE JORNAIS

Pôrto — Quiosques, 7$84; A. de Morais, 2$55; M. Braga, 1$50; Zacarias de Lima, $50; M. Lemos, 4$25; D. Castelo, 1$70; Jorge, $25; Roboredo, 17$50; Redacção, 5$10; C. Carvalho, 10$00. *Leça* — A. Rodrigues, $60. — *Lisboa* J. C. Nunes, 1$00; Juventude Sindicalista, 1$00; Diogo Hermínio, 2$50; L. Machado, 2$50. *Almada* — G. Mora Pais, 9$30. *Barreiro* — Calapéz 3$75. *Vilar do Pinheiro* — Grupo Mocidade Libertária, 7$00. *Beja* — C. J. Pires, 5$00. *Extremoz* — F. S. Conceição, 3$60. *Espinho* — A. P., 1$00. *Póvoa de Varzim* — E. Correia, 3$85. *Gala* — J. C. M. Costa, 8$75. *América* — M. Moutinho, 18$00. Soma, 119$04. Total, 313$73.

DESPEZA

Papel para os n.os 6, 7, 8 e 9	192$00
Composição e impressão dos mesmos números	142$00
Selos	29$95
Aluguer da casa	6$00
Luz eléctrica	1$20
Fretes	[illegible]
Déficit do mês findo	149[illegible]
Soma	521$91,5
Receita	313$73
Déficit para o mês de Junho	207$88

Pôrto, 30 de Junho de 1920.

Damião Castelo

(Tesoureiro)